

**ÁREA TEMÁTICA: Empreendedorismo e Startups**

**Título: ENTRE GÊNERO E RAÇA: DESVENDANDO OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DO EMPREENDEDORISMO FEMININO PARA MULHERES NEGRAS**

**Resumo:** O campo do empreendedorismo feminino tem ganhado relevância nas últimas décadas, refletindo uma mudança significativa no panorama empresarial anteriormente dominado por homens (Silva et al., 2019; Amorim & Batista, 2011). Neste cenário, este estudo teórico busca compreender os imbricamentos do empreendedorismo de mulheres negras, suas vivências, desafios e as políticas públicas existentes, utilizando o materialismo histórico dialético como aporte teórico. A teoria da lacuna de gênero destaca as disparidades no acesso a recursos financeiros e redes de contatos, impactando diretamente o sucesso das empreendedoras (Bardasi et al., 2011; Elam et al., 2019). O histórico de marginalização e estereotipagem também contribui para a perpetuação de barreiras estruturais que afetam negativamente as trajetórias empreendedoras das mulheres negras. Essas dificuldades são manifestações das contradições e tensões presentes nas estruturas econômicas e sociais, que, de acordo com o materialismo histórico-dialético, são produtos de um sistema que perpetua desigualdades estruturais. Portanto, vale salientar a adoção de políticas públicas e iniciativas privadas voltadas para a promoção da equidade de gênero e racial em prol de um ambiente mais inclusivo (Camargo et al., 2010; Becker-Blease & Sohl, 2007).

**Palavras-chave:** Empreendedorismo feminino, mulheres negras empreendedoras, interseccionalidade, igualdade de oportunidades.

**Abstract:** The field of female entrepreneurship has gained relevance in recent decades, reflecting a significant change in the business landscape previously dominated by men (Silva et al., 2019; Amorim & Batista, 2011). In this scenario, this theoretical study seeks to understand the intertwining of black women's entrepreneurship, their experiences, challenges and existing public policies, using dialectical historical materialism as a theoretical contribution. The gender gap theory highlights disparities in access to financial resources and networks, directly impacting the success of female entrepreneurs (Bardasi et al., 2011; Elam et al., 2019). The history of marginalization and stereotyping also contributes to the perpetuation of structural barriers that negatively affect the entrepreneurial trajectories of black women. These difficulties are manifestations of the contradictions and tensions present in economic and social structures, which, according to historical-dialectical materialism, are products of a system that perpetuates structural inequalities. Therefore, it is worth highlighting the adoption of public policies and private initiatives aimed at promoting gender and racial equity in favor of a more inclusive environment (Camargo et al., 2010; Becker-Blease & Sohl, 2007).

**Key-words:** Female entrepreneurship, black women entrepreneurs, intersectionality, equal opportunities.

## 1. Introdução:

O empreendedorismo feminino tem se destacado como uma força transformadora na sociedade contemporânea, desafiando estereótipos de gênero e contribuindo para a diversificação do cenário empresarial (Buaride et al., 2022; Guimarães & Lima, 2020). Nesse contexto, as experiências das mulheres negras empreendedoras ganham especial relevância, considerando a interseccionalidade de desafios que enfrentam (Combs, 2003; Crenshaw, 1989; Santos, 2009).

Diante desse cenário, este estudo teórico busca compreender os imbricamentos do empreendedorismo de mulheres negras, suas vivências, desafios e as políticas públicas existentes, utilizando o materialismo histórico dialético como aporte teórico. A investigação será conduzida através de uma revisão de literatura, sem a aplicação de um protocolo sistemático específico, para explorar como as condições históricas e estruturais influenciam a experiência empreendedora das mulheres negras. O materialismo histórico dialético contribui para a análise das relações sociais e econômicas históricas moldam as oportunidades e obstáculos enfrentados por esse grupo (Silva, 2015). Esse arcabouço teórico pode ser aplicado para entender práticas econômicas e empresariais (Kicillof, 2020) e no caso específico das mulheres negras empreendedoras, essa relação com a esfera laboral é frequentemente marcada por desafios significativos relacionados a desigualdades estruturais, discriminação racial e falta de apoio adequado. Abordar essas dificuldades requer uma compreensão profunda das barreiras específicas enfrentadas por esse grupo e o desenvolvimento de políticas públicas que têm potencial para promover maior inclusão e equidade .

Destaca-se a relevância do artigo porque a construção da identidade negra no Brasil é um processo complexo e multifacetado, influenciado por uma série de fatores históricos e culturais, como a herança africana, a escravidão e as formas contemporâneas de racismo e discriminação. Historicamente, as mulheres negras foram marginalizadas e estereotipadas na cultura brasileira, o que contribui para uma representação cultural que frequentemente distorce ou minimiza sua realidade. Esse processo envolve não apenas a resistência cultural por parte das mulheres negras, que lutam por uma valorização mais autêntica e positiva de sua identidade, mas também uma adaptação às dinâmicas sociais predominantes que perpetuam a marginalização (Gonzalez, 1998).

Retomando o debate sobre o empreendedorismo, esse não reflete apenas o desejo de autonomia financeira, mas também a busca por equidade e inclusão (GE, et al., 2022; Vieira, 2019). As mulheres negras enfrentam obstáculos únicos em suas jornadas empreendedoras, resultantes da interação complexa entre gênero e raça (Carneiro, 2011; Collins, 2016; Fernandes, 2016; Ribeiro, 2015). Ao explorar suas experiências, podemos desvelar nuances importantes sobre a necessidade de políticas e práticas empresariais mais inclusivas, promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento pleno das capacidades empreendedoras femininas, especialmente entre mulheres negras.

A interseccionalidade é um conceito fundamental no entendimento das experiências das mulheres negras, revelando-se como uma lente necessária para analisar o empreendedorismo sob uma perspectiva mais completa (Santos, 2009). Ao considerar não apenas o gênero, mas também a raça, torna-se possível compreender como as estruturas sociais e econômicas afetam de maneira distinta as mulheres negras empreendedoras, influenciando suas escolhas, oportunidades e desafios enfrentados ao longo de suas trajetórias (Campos, 2018). É fundamental destacar a

importância do empoderamento econômico das mulheres negras, não apenas para o desenvolvimento individual, mas também como um meio de transformação social (El Katt et al., 2021). O empreendedorismo surge, assim, como uma ferramenta poderosa para a promoção da igualdade de gênero e racial, oferecendo oportunidades de superação de barreiras historicamente impostas (Jackson, 2020; Machado & Paes, 2021).

Cabe ressaltar que, em 2023, a maioria dos empreendedores potenciais no Brasil é composta por adultos jovens, predominantemente negros ou pardos, com nível médio de escolaridade e com renda baixa (GEM, 2023). Nesse grupo, destacam-se as mulheres porque enfrentam mais barreiras que os homens (Amorim & Batista, 2011). Assim, o objetivo deste estudo é realizar uma análise aprofundada do empreendedorismo feminino com foco específico nas vivências e desafios enfrentados por mulheres negras empreendedoras, considerando a interseccionalidade de gênero e raça. A pesquisa visa compreender as dinâmicas únicas que influenciam suas trajetórias empreendedoras e identificar as barreiras sistêmicas e oportunidades presentes nesse contexto.

O empreendedorismo feminino, quando examinado à luz das experiências das mulheres negras, revela-se como um campo fértil para a compreensão das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que permeiam a atuação empreendedora (Camargo et al., 2010). Este artigo propõe aprofundar esse entendimento, oferecendo *insights* para a promoção de um ambiente empresarial mais diversificado, equitativo e, sobretudo, inspirador para todas as mulheres que almejam trilhar o caminho do empreendedorismo.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1. Empreendedorismo Feminino**

As definições de empreendedorismo aplicam-se a ambos os gêneros, mas a posição social das mulheres exerce uma influência significativa em sua participação nesse domínio. Historicamente, a liderança empresarial esteve associada predominantemente ao gênero masculino, relegando as mulheres ao papel doméstico (Silva et al., 2019). Somente no século XX, entre as Guerras Mundiais, as mulheres conquistaram espaço nos setores empresariais anteriormente dominados por homens, aproveitando oportunidades criadas pela ausência temporária destes devido ao serviço militar (Amorim & Batista, 2011). No contexto brasileiro, somente em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, as mulheres alcançaram respaldo legal para a igualdade de condições de trabalho e salário em relação aos homens, resultado de lutas persistentes (Amorim & Batista, 2011).

O empreendedorismo feminino tem recebido crescente atenção nas últimas décadas, refletindo o aumento da presença das mulheres no cenário empresarial (Ayogu & Agu, 2015; Hechevarría et al., 2019; Kelley et al., 2017; Noguera et al., 2013). Esse interesse visa compreender as características, desafios e oportunidades específicas enfrentadas pelas mulheres empreendedoras, bem como seu impacto na economia e na sociedade (Estrin & Mickiewicz, 2011; Langowitz & Minniti, 2007; Rae, 2015). A teoria da lacuna de gênero é frequentemente utilizada para analisar as disparidades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras em comparação com os homens empreendedores (Bardasi et al., 2011; Elam et al., 2019), abordando questões como acesso limitado a recursos financeiros, redes de contatos e oportunidades de crescimento (Horne, 2016; Lockyer & George, 2012; Smith & Tolbert, 2018), bem como diferenças nas motivações, estratégias e resultados empreendedores (Borges et al., 2020).

A perspectiva do empoderamento feminino no empreendedorismo destaca o impacto positivo do empreendedorismo na autonomia, auto eficácia e independência econômica das mulheres (Banihani, 2020; Kumar & Rakhin, 2016). Essa abordagem explora como o empreendedorismo pode ser uma ferramenta de capacitação, permitindo que as mulheres superem desigualdades de gênero e contribuam para o desenvolvimento econômico e social (Berth, 2019), considerando influências sociais e normas de gênero (Upadhye & Madan, 2012).

A participação crescente das mulheres em setores tradicionalmente masculinos traz transformações nas dinâmicas profissionais, nas interações com os clientes, nos métodos de vendas e nas expectativas dos clientes em relação às empresas (Gomes, 2006; Martins et al., 2015). A presença feminina no empreendedorismo não apenas enriquece a economia, mas desempenha um papel crucial na redefinição da visão tradicional do papel das mulheres (Micozzi & Lucarelli, 2016). Em relação às possíveis disparidades de gênero, embora o impacto econômico dos empreendimentos liderados por homens ou mulheres não seja significativamente diferente, existem distinções nas relações com clientes, profissionais e empresas, bem como na gestão desses empreendimentos (Ramadani, 2015).

O empoderamento feminino no empreendedorismo, especialmente em contextos tribais e sociais específicos, enfrenta desafios únicos, como barreiras culturais, sociais e linguísticas, além de obstáculos políticos e de marketing. Khanum et al. (2021) destacam que, apesar dessas dificuldades, as mulheres têm a oportunidade de transformar atitudes e gerar mudanças significativas. Embora conflitos conjugais e disputas familiares possam neutralizar os benefícios das microfinanças, que são fundamentais para a saída da pobreza (Arshad et al., 2021), os empreendimentos sociais possuem um grande potencial para empoderar as mulheres. Esse potencial é ainda mais relevante no contexto pós-COVID-19, onde esses empreendimentos podem promover mudanças nas atitudes sociais em relação ao trabalho remunerado e ao papel das mulheres (Kumari & Eguruze, 2021).

## 2.2. Interseccionalidade de Gênero e Raça

A interseccionalidade, um conceito proposto por Crenshaw (1989) emerge como uma ferramenta analítica essencial para compreender as complexidades das experiências das mulheres negras empreendedoras. No contexto do empreendedorismo feminino, a interseccionalidade propõe uma abordagem que reconhece a interação única entre as dimensões de gênero e raça, proporcionando uma compreensão mais profunda das disparidades que essas mulheres enfrentam em suas jornadas empreendedoras (Natividade, 2009; Yuval-David, 2006).

Ao aplicar a lente interseccional, percebemos que as mulheres negras empreendedoras não vivenciam apenas desafios relacionados ao gênero ou à raça de maneira isolada, mas sim de forma interligada (Carneiro, 2011; Collins, 2016; Fernandes, 2016; Ribeiro, 2015). A discriminação de gênero se entrelaça com o racismo, criando obstáculos únicos e complexos que impactam o acesso a recursos, oportunidades e reconhecimento no mundo dos negócios (Natividade, 2009). Essa perspectiva integrada é fundamental para desvendar as dinâmicas específicas que moldam a experiência empreendedora dessas mulheres (Khanum et al., 2021).

A interseccionalidade também destaca a importância de reconhecer a diversidade dentro do grupo das mulheres negras empreendedoras (Natividade, 2009). As experiências podem variar significativamente com base em fatores como classe social, orientação sexual e localização geográfica (Natividade, 2009; Yuval-David, 2006). Portanto, a análise interseccional não apenas revela as desigualdades sistêmicas, mas também destaca a necessidade de abordagens inclusivas e

personalizadas para promover o empreendedorismo feminino em sua totalidade (Collins, 2016; Ribeiro, 2015).

No âmbito econômico, a interseccionalidade evidencia como as mulheres negras empreendedoras enfrentam desafios persistentes, desde o acesso limitado a financiamento até a falta de representação em redes profissionais (Allahverdyan & Galstyan, 2014; Costa et al., 2020; Dobelli, 2014). Essa interação entre gênero e raça molda não apenas as oportunidades disponíveis, mas também as percepções e expectativas que cercam essas empreendedoras (Barr, 2015; Jackson, 2020; Smith-Hunter & Boyd, 2004). Compreender essa interseção é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de apoio e capacitação.

Para mais, a interseccionalidade lança luz sobre as potencialidades transformadoras do empreendedorismo feminino para as mulheres negras. Ao reconhecer e abordar as interseções de opressão, as estratégias de empoderamento econômico podem ser mais eficazes e inclusivas (Vieira & Batista, 2023). Dessa forma, a promoção do empreendedorismo entre mulheres negras não apenas impulsiona a equidade econômica, mas também contribui para a desconstrução de estruturas discriminatórias mais amplas (Collins & Low, 2010; Coleman & Robb, 2009; Farlie & Robb, 2007).

A aplicação da interseccionalidade no estudo do empreendedorismo feminino destaca a complexidade das experiências das mulheres negras empreendedoras, fornecendo uma base teórica robusta para a análise das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que permeiam suas trajetórias (Campos, 2018; Santos, 2009). Essa abordagem não apenas identifica desafios, mas também aponta para possíveis soluções e estratégias de empoderamento, destacando a importância de políticas e práticas que reconheçam e respondam às interseções de gênero e raça no cenário empreendedor.

### 2.3. Desafios do Empreendedorismo para Mulheres Negras

O empreendedorismo feminino, embora tenha progredido em diversos aspectos, ainda enfrenta uma série de desafios significativos, especialmente quando observado a partir da perspectiva das mulheres negras empreendedoras (Fernandez, 2018; Oliveira & Rios, 2006). Uma das questões centrais é a falta de representatividade e visibilidade para as mulheres negras empreendedoras (Castro & Abramovay, 2002; Mariano & Carloto, 2009;). A escassez de modelos de sucesso que reflitam sua identidade é um desafio que afeta não apenas a motivação individual, mas também o acesso a oportunidades de networking e mentorias (Horne, 2016; Smith-Hunter & Boyd, 2004; Smith & Tolbert, 2018). A ausência de representação contribui para a perpetuação de estereótipos prejudiciais, dificultando o reconhecimento de suas capacidades empreendedoras (Combs, 2003; Ribeiro, 2016; Santos, 2009).

O acesso limitado a recursos financeiros é outro desafio significativo. Mulheres negras empreendedoras muitas vezes enfrentam barreiras ao tentar obter financiamento para iniciar ou expandir seus negócios (Bellucci, Borisov & Zazzaro, 2010; Becker-Blease & Sohl, 2007). Essa restrição no acesso a capital impacta diretamente a viabilidade e o crescimento de empreendimentos liderados por mulheres negras, perpetuando desigualdades econômicas que se acumulam ao longo do tempo (Bewaji et al., 2015; Horne, 2016; Smith & Tolbert, 2018)

As mulheres negras empreendedoras frequentemente experimentam discriminação racial e de gênero nos ambientes de negócios (Aguiar, 2022). Estereótipos arraigados e preconceitos podem influenciar as relações comerciais, desde interações com clientes até parcerias corporativas (Paixão, 2017). Essa

discriminação não apenas cria um ambiente hostil, mas também pode limitar o alcance e o sucesso de empreendimentos liderados por mulheres negras (Odean, 1998; Shefrin & Statman, 1985).

A conciliação entre as responsabilidades familiares e o empreendedorismo é um desafio particular para muitas mulheres negras empreendedoras (Jackson, 2020; Machado & Paes, 2021). As expectativas sociais e as pressões econômicas podem criar um equilíbrio delicado entre vida profissional e pessoal, adicionando complexidade às suas jornadas empreendedoras (Baptista et al., 2018; Nassif et al., 2020).

Os desafios enfrentados por mulheres negras empreendedoras são multifacetados e demandam uma abordagem abrangente (Campos, 2018). O reconhecimento e a compreensão dessas barreiras são importantes para desenvolver estratégias eficazes de apoio, promovendo um ambiente empreendedor mais inclusivo e equitativo.

#### 2.4. Políticas Públicas, Iniciativas Privadas e Perspectivas feministas

O avanço do empreendedorismo feminino, com especial foco em mulheres negras, está intimamente ligado à eficácia das políticas públicas e iniciativas privadas que promovem a equidade de gênero e racial no ambiente empresarial. Camargo et al. (2010) e Mendes (2017) destacam a importância dessas políticas e ações na mitigação das desigualdades sistêmicas e no fomento ao empreendedorismo feminino. Pines, Lerner e Schwartz (2010) ressaltam a necessidade de estratégias eficazes para enfrentar essas desigualdades, oferecendo uma perspectiva crítica sobre o papel das intervenções institucionais.

As políticas públicas têm um papel fundamental na criação de um ambiente propício ao empreendedorismo feminino. Ferramentas como incentivos fiscais, linhas de crédito específicas e programas de capacitação são essenciais para facilitar o acesso das mulheres negras a recursos financeiros e conhecimentos necessários para o desenvolvimento de seus negócios (Becker-Blease & Sohl, 2007; Bellucci, Borisov & Zazzaro, 2010). É crucial que essas políticas reconheçam a interseccionalidade das mulheres negras e abordem suas necessidades específicas de forma eficaz (Cepal, 2023).

Programas de mentoria se destacam como uma estratégia eficiente tanto no setor público quanto privado. Estes programas oferecem orientação prática e a construção de redes de contatos, aspectos fundamentais para o crescimento de negócios liderados por mulheres negras (Bewaji et al., 2015; Horne, 2016; Smith-Hunter & Boyd, 2004; Smith & Tolbert, 2018; Tabak & Amaral, 2018). Iniciativas privadas também desempenham um papel significativo ao promover a diversidade nas equipes e incentivar parcerias comerciais com empreendedoras negras, desafiando estereótipos e preconceitos presentes no ambiente empresarial (Carvalho, 2017).

Além disso, a promoção da educação empreendedora desde as etapas iniciais do ensino formal é de extrema importância. Integrar conceitos empreendedores nas escolas pode estabelecer uma base sólida para o desenvolvimento das habilidades necessárias, capacitando as mulheres negras desde jovens a perseguirem seus objetivos empresariais (Degen, 2008). A colaboração entre órgãos governamentais, ONGs e empresas é vital para potencializar o impacto dessas ações e criar um ambiente mais inclusivo para o empreendedorismo feminino (Santos, 2009; Creswell, 2016; Michel, 2015).

No âmbito das teorias feministas e pós-feministas, estudos recentes oferecem uma visão abrangente sobre o empreendedorismo feminino. Bannò et al. (2024) classificam as teorias feministas aplicadas ao empreendedorismo em duas

abordagens principais: a Teoria Feminista Liberal, que se concentra na igualdade de oportunidades e nas barreiras estruturais, e a Teoria Feminista Social, que examina como as diferenças biológicas influenciam os papéis sociais e econômicos das mulheres. Apesar das contribuições dessas teorias, ainda falta uma base teórica sólida para definir o conceito de empreendedorismo feminista, indicando a necessidade de uma estrutura teórica mais consistente (Lagrasta et al., 2024).

Kemp e Berkovitch (2020) exploram a interação entre neoliberalismo e feminismo, revelando como essas correntes podem colidir e se complementar no contexto do empreendedorismo. Enquanto o neoliberalismo promove uma visão individualista e competitiva, o feminismo defende uma abordagem coletiva e inclusiva que aborda desigualdades de gênero. Essas tensões podem criar oportunidades para integrar perspectivas feministas no campo do empreendedorismo e desafiar normas tradicionais (Kemp & Berkovitch, 2020).

Petersson McIntyre (2021) investiga como empreendedoras, particularmente influenciadoras e consultoras de gênero, incorporam valores feministas em suas práticas empresariais. A pesquisa destaca que essas empreendedoras não apenas buscam sucesso financeiro, mas também promovem mudanças sociais e empoderam outras mulheres, desafiando a visão tradicional do empreendedorismo como uma atividade puramente econômica (Petersson McIntyre, 2021).

O avanço do empreendedorismo feminino, com especial ênfase nas mulheres negras, depende de uma combinação eficaz de políticas públicas e iniciativas privadas que abordem as desigualdades e promovam a inclusão. As teorias feministas e pós-feministas oferecem insights valiosos sobre como essas práticas podem ser moldadas e desafiadas para criar um ambiente mais equitativo e inclusivo no empreendedorismo. A integração desses enfoques pode enriquecer a compreensão dos fenômenos empreendedores e contribuir para a construção de um cenário mais igualitário.

### **Método**

Esta pesquisa é de natureza teórica, reflexiva e interpretativa, baseada na literatura científica sobre experiências e desafios enfrentados por mulheres empreendedoras negras. O objetivo é explorar a interseccionalidade de gênero e raça, visando identificar as dinâmicas únicas que moldam as trajetórias empreendedoras dessas mulheres, a partir do referencial do materialismo dialético. Cabe salientar que, conforme Meneghetti (2011), o foco deste ensaio não está nos procedimentos de coleta de dados ou empirismo, mas na discussão teórica. Conforme Michel (2015), o ensaio tem como objetivo defender e analisar racionalmente um ponto de vista ou ideia, sem a intenção de esgotar o tema.

### **Discussão**

O empreendedorismo feminino, especialmente no contexto das mulheres negras, revela um panorama multifacetado de desafios e oportunidades que requerem uma análise aprofundada. A aplicação da perspectiva interseccional ao estudo do empreendedorismo feminino oferece um entendimento mais claro das barreiras enfrentadas por essas mulheres, ao combinar as dimensões de gênero e raça. Essa abordagem expõe como as experiências de mulheres negras empreendedoras são moldadas por uma combinação única de opressões e desigualdades. Quando acrescentamos a lente do materialismo histórico-dialético, observamos uma rede complexa de desafios estruturais e históricos que influenciam as vivências das mulheres negras empreendedoras.

Entre as dificuldades destacadas, a desigualdade no acesso a recursos financeiros emerge como uma limitação crítica, restringindo as oportunidades de



iniciar e expandir negócios (Becker-Blease & Sohl, 2007; Bellucci et al., 2010). A falta de representatividade e visibilidade também afeta significativamente a motivação e o acesso a redes de apoio e mentorias, perpetuando estereótipos e diminuindo o reconhecimento das capacidades empreendedoras das mulheres negras (Abbasianchavari & Moritz, 2020; Byrne et al., 2019; Sundermeier & Steenblock, 2023). Além disso, a combinação de discriminação racial e de gênero cria um ambiente hostil que limita o sucesso de empreendimentos liderados por essas mulheres (Aguiar, 2022; Paixão, 2017).

O histórico de marginalização e estereotipagem também contribui para a perpetuação de barreiras estruturais que afetam negativamente as trajetórias empreendedoras das mulheres negras. Essas dificuldades são manifestações das contradições e tensões presentes nas estruturas econômicas e sociais, que, de acordo com o materialismo histórico-dialético, são produtos de um sistema que perpetua desigualdades estruturais. Para superar essas barreiras, é essencial um esforço coordenado entre políticas públicas e iniciativas privadas. Políticas voltadas para a promoção da equidade de gênero e racial, como incentivos fiscais, linhas de crédito específicas e programas de capacitação, são fundamentais para criar um ambiente mais inclusivo (Becker-Blease & Sohl, 2007; Camargo et al., 2010).

Além disso, a implementação de programas de mentoria e redes de apoio pode fornecer a orientação necessária para que mulheres negras empreendedoras superem obstáculos e desenvolvam seus negócios com mais eficácia (Bewaji et al., 2015; Horne, 2016). Iniciativas privadas que promovem diversidade e inclusão em suas práticas também desempenham um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de parcerias comerciais com empreendedoras negras (Carvalho, 2017). Por fim, a educação empreendedora desde as etapas iniciais do ensino formal pode preparar jovens mulheres negras para enfrentar desafios futuros e buscar seus objetivos empresariais com mais confiança (Degen, 2008). Compreender essas dificuldades e implementar estratégias adequadas são passos essenciais para promover a equidade e o empoderamento efetivo das mulheres negras no campo do empreendedorismo.

### **Considerações Finais**

O artigo explora os desafios do empreendedorismo feminino negro no Brasil, destacando como o sistema capitalista perpetua desigualdades raciais e de gênero, dificultando a ascensão dessas mulheres na economia (Crenshaw, 1989; Ribeiro, 2015). Utilizando o materialismo histórico-dialético (Bewaji et al., 2015), o estudo analisa como condições estruturais e históricas afetam as empreendedoras negras, defendendo políticas públicas inclusivas (Campos, 2018; Carneiro, 2011). O texto sublinha a interseccionalidade de gênero e raça, mostrando que o empreendedorismo, além de proporcionar autonomia financeira, pode ser uma ferramenta de transformação social e promoção de equidade racial e de gênero (Khanum et al., 2021; Natividade, 2009).

Além disso, a educação empreendedora desde cedo pode capacitar jovens mulheres negras a enfrentar desafios e atingir seus objetivos empresariais com maior confiança (Degen, 2008). Compreender e lidar com essas dificuldades é essencial para promover equidade e empoderamento no empreendedorismo, contribuindo para a construção de um ambiente empresarial mais justo e diversificado.

O estudo destaca, portanto, que para alcançar a equidade desejada, é necessário reconhecer as particularidades das experiências das mulheres negras empreendedoras e criar estratégias que levem em consideração essas intersecções.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, H. M. (2022). *Mulheres negras empreendedoras no Brasil: Suas barreiras e comportamento de superação para empreender* [Dissertação de mestrado, Universidade Nove de Julho]. Repositório da Universidade Nove de Julho.
- Allahverdyan, A. E., & Galstyan, A. (2014). Opinion dynamics with confirmation bias. *PLoS ONE*, 9(7), e99557. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0099557>
- Amorim, R. O., & Batista, L. E. (2011). *Empreendedorismo feminino: Razão do empreendimento*. <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170602115149.pdf>
- Arshad, S., Imtiaz, A., Gillani, S. M. A. H., & Osman, S. (2021). Is women empowerment a zero-sum game? Unintended consequences of microfinance for women's empowerment in Pakistan. *Estudios de economía aplicada*, 39(4). [https://www.researchgate.net/publication/351383380\\_Is\\_women\\_empowerment\\_a\\_zero\\_sum\\_game\\_Unintended\\_consequences\\_of\\_microfinance\\_for\\_women's\\_empowerment\\_in\\_Pakistan](https://www.researchgate.net/publication/351383380_Is_women_empowerment_a_zero_sum_game_Unintended_consequences_of_microfinance_for_women's_empowerment_in_Pakistan)
- Ayogu, D. U., & Agu, E. O. (2015). Assessment of the contribution of women entrepreneurs towards entrepreneurship development in Nigeria. *International Journal of Current Research and Academic Review*, 3(10), 190–207. <http://www.ijcrar.com/vol-3-10/Ayogu,%20Deborah%20U.%20and%20Agu,%20Everistus%20Ogadimma2.pdf>
- Banihani, M. (2020). Empowering Jordanian women through entrepreneurship. *Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship*, 22(1), 133-144.
- Bannò, M., Leggerini, C., & Federici, C. (2024). Feminism and entrepreneurship in prestigious management journals: A critical analysis. In *Proceedings of the 7th International Conference on Gender Research*, 7(1), 61-70. <https://doi.org/10.34190/icgr.7.1.2013>
- Baptista, R. M., Bandeira, M. L., & Souza, M. T. S. de. (2018). A invisibilização do negro no trabalho escravo contemporâneo: Evidências a partir das condições de vulnerabilidade social. *Organizações & Sociedade*, 25(87), 676-703. <https://doi.org/10.1590/1984-9250877>
- Bardasi, E., Sabarwal, S., & Terrel, K. (2011). How do female entrepreneurs perform? Evidence from three developing regions. *Small Business Economics*, 37, 417–441. <https://doi.org/10.1007/s11187-011-9374-z>
- Barr, M. S. (2015). Minority and women entrepreneurs: Building capital, networks, and skills. *The Hamilton Project Discussion Paper 2015-03*. The Brookings Institution. <https://repository.law.umich.edu/other/78>
- Becker-Blease, J. R., & Sohl, J. E. (2007). Do women-owned businesses have equal access to angel capital? *Journal of Business Venturing*, 22(4), 503-521. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.06.003>
- Bellucci, A., Borisov, A., & Zazzaro, A. (2010). Does gender matter in bank–firm relationships? Evidence from small business lending. *Journal of Banking & Finance*, 34(12), 2968–2984. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2010.07.008>
- Berth, J. (2019). *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- Bewaji, T., Yang, Q., & Han, Y. (2015). Funding accessibility for minority entrepreneurs: An empirical analysis. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 22(4), 716-733.
- Borges, A. F., Enoque, A. G., Neto, R. M., & Rissi, F. H. (2020). Retratos do Empreendedorismo Étnico-Racial: Um estudo sobre a trajetória de

- Empreendedores Negros. *Anais do XI EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*.  
<https://doi.org/10.14211/xi-egepe-118148>.
- Buaride, A., Gomes, J. P. E. de Medeiros Vale, M., & Nassif, V. M. J. (2022). Barreiras ao empreendedorismo por mulheres. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas*, 7(01), 1–22.  
<https://doi.org/10.29327/237867.7.1-4>
- Camargo, D. et al. (2010). O significado da atividade empreendedora: As práticas da mulher brasileira em 2008. In F. A. Gimenez & J. M. Ramos (Eds.), *Empreendedorismo e estratégia em empresas de pequeno porte* (pp. 106-132). Curitiba: Champagnat.
- Campos, A. A. (2018). *A valorização do negro no Brasil e o afroempreendedorismo* (Tese de graduação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.
- Carneiro, S. (2011). Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Geledés*. <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>.
- Carvalho, G. C. (2017). Políticas públicas, gênero e empreendedorismo: Uma análise do Programa Nacional Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, 39(1), 11-18.  
<https://doi.org/10.4025/actascieduc.v39n1.42512>
- Castro, M. G., & Abramovay, M. (2002). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa*, 116, 143-176.
- Coleman, S., & Robb, A. (2009). A comparison of new firm financing by gender: Evidence from the Kauffman Firm Survey data. *Small Business Economics*, 33, 397-411. <https://doi.org/10.1007/s11187-009-9207-1>
- Collins, J., & Low, A. (2010). Asian female immigrant entrepreneurs in small and medium-sized businesses in Australia. *Entrepreneurship and Regional Development*, 22(1), 97-111. <https://doi.org/10.1080/08985620902897951>
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 99-127.  
<https://doi.org/10.1590/s0102-69922016000100006>
- Combs, G. M. (2003). The duality of race and gender for managerial African American women: Implications of informal social networks on career advancement. *Human Resource Development Review*, 2(4), 385-405.
- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). (2023). *A América Latina e o Caribe na metade do caminho para 2030: Avanços e propostas de aceleração* (Síntese LC/FDS.6/4/Rev.1). Santiago. Disponível em:  
<https://repositorio.cepal.org/items/6fc5535a-6a9c-453c-bb71-0fe0cd8aa9e6>
- Costa, D. F., Carvalho, F. M., Moreira, B. C. M., & Silva, W. S. (2020). Viés de confirmação na tomada de decisão gerencial: Um estudo experimental com gestores e contadores. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 14, e164200. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2020.164200>
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139-167.  
<https://doi.org/10.2139/ssrn.945741>
- Creswell, J. W. (2016). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Sage Publications.

- Degen, R. J. (2008). Empreendedorismo: Uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. *Revista de Ciências da Administração*, 10(21), 11-30.
- Dobelli, R. (2014). *A arte de pensar claramente: Como evitar as armadilhas do pensamento e tomar decisões de forma mais eficaz* (2ª ed.). Objetiva.
- Elam, A. B., Brush, C. G., Greene, P. G., Baumer, B., Dean, M., & Heavlow, R. (2019). *Global Entrepreneurship Monitor 2018/2019 Women's Entrepreneurship Report*. Babson College, Smith College and the Global Entrepreneurship Research Association.
- El Katt, C. do C. L. B., Avelino, A. B., & Razza, B. M. (2021). Design social e sustentabilidade: A potencialidade do projeto de joalheria para o desenvolvimento econômico e empoderamento feminino / Social design and sustainability: The potential of the jewelry design for the economic growth and women's empowerment. *Brazilian Journal of Development*, 7(12), 119831–119850. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n12-648>
- Estrin, S., & Mickiewicz, T. (2011). Entrepreneurship in transition economies: The role of institutions and generational change. In M. Minniti (Ed.), *The dynamics of entrepreneurship: Evidence from the Global Entrepreneurship Monitor data* (pp. 181–208). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199580866.001.0001>.
- Fairlie, R. W., & Robb, A. M. (2007). Why are Black-owned businesses less successful than White-owned businesses? The role of families, inheritances, and business human capital. *Journal of Labor Economics*, 25(2), 289–323.
- Ferguson, R. (2003). Reconstructing the class structure: The historical materialist perspective on Black women's work. *Sociology Compass*, 1(1), 30-45.
- Fernandes, D. A. (2016). O gênero negro: Apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), 691–713. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p691>
- Fernandez, B. P. M. (2018). Economia feminista: Metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. *Revista de Economia Política*, 38(3), 559–583.
- Ge, T., Abbas, J., Ullah, R., Abbas, A., Sadiq, I., & Zhang, R. (2022). Women's entrepreneurial contribution to family income: Innovative technologies promote females' entrepreneurship amid COVID-19 crisis. *Frontiers in Psychology*, 13, 828040. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.828040>
- GEM. (2023). *Global Entrepreneurship Monitor 2023 Report*. <https://www.gem.org/report>
- Gomes, A. F. (2006). *Mulheres Empreendedoras*. UESB.
- Gonzalez, L. (1988). A mulher negra e a cultura nacional: A construção da identidade negra no Brasil. In L. Gonzalez, *O lugar da mulher negra na sociedade brasileira* (pp. 65-82). Pallas.
- Guimarães, M. T., & Lima, E. P. (2020). Women's entrepreneurship: A systematic literature review. *Journal of Business Research*, 113, 209-219. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.03.045>
- Hechavarria, D., Bullough, A., Brush, C., & Edelman, L. (2019). High-growth women's entrepreneurship: Fueling social and economic development. *Journal of Small Business Management*, 57(1), 5–13. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12503>
- Horne, K. N. (2016). *Female entrepreneurial self-efficacy among three ethnicities* (Tese de Doutorado). Capella University.

- Jackson, T. M. (2020). We have to leverage those relationships: How Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, 41(2), 137–153. <https://doi.org/10.1080/02732173.2020.1847706>
- Kelley, D. J., Baumer, B. S., Brush, C., Green, P. G., Mahdavi, M., & Majbouri, M. (2017). *Global Entrepreneurship Monitor 2018/2017 report on women's entrepreneurship*. Babson College: Smith College and the Global Entrepreneurship Research Association.
- Kemp, A., & Berkovitch, N. (2019). Uneasy passages between neoliberalism and feminism: Social inclusion and financialization in Israel's empowerment microfinance. *Gender, Work & Organization*. <https://doi.org/10.1111/gwao.12400>
- Khanum, R., Al Mahadi, M. S., & Islam, M. S. (2021). Empowering tribal women through entrepreneurship in Sylhet region of Bangladesh. *GeoJournal*, 86(1), 1–16. <https://doi.org/10.1007/s10708-020-10361-7>
- Kicillof, L. (2010). *Theoretical perspectives in economics: An analysis of capitalist production*. Routledge.
- Kumar, A., & Rakhin, J. (2016). Kudumbashree: Promoting the self-help group model of empowerment through women entrepreneurship in Kerala—a study. *Prabandhan: Indian Journal of Management*, 9(6).
- Kumari, G., & Eguruze, E. S. (2021). Positive deviance traits and social entrepreneurship for women empowerment amid COVID-19. *IIM Kozhikode Society & Management Review*, 11(1), 109–125. <https://doi.org/10.1177/22779752211030697>
- Lagrasta, F. P., Scozzi, B., & Pontrandolfo, P. (2024). Feminisms and entrepreneurship: A systematic literature review investigating a troubled connection. *International Entrepreneurship and Management Journal*. <https://doi.org/10.1007/s11365-024-00977-3>.
- Langowitz, N., & Morgan, C. (2003). Women entrepreneurs: Breaking through the glass barrier. In J. Butler (Ed.), *New perspectives on women entrepreneurs* (pp. 101–119). Information Age Publishing.
- Lockyer, J., & George, S. (2012). What women want: Barriers to female entrepreneurship in the West Midlands. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*. <https://doi.org/10.1108/17566261211234661>
- Machado, S. S. P., & Paes, K. D. (2021). Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande - RS. *Brazilian Journal of Development*, 7(5), 45693–45715. <https://doi.org/10.22533/at.ed.64221171124>
- Mariano, S. A., & Carloto, C. M. (2009). Gênero e combate à pobreza: Programa Bolsa Família. *Revista Estudos Feministas*, 17, 901–908.
- Martins, G. A., Cardoso, A. M., Melo, K. B., & Martins, V. F. (2015). Práticas contábeis na área de transportes: A percepção dos gestores de micro empresas. *RAGC*, 3(8), 47–64.
- Mendes, J. (2017). *Empreendedorismo 360º: A prática na prática* (3ª ed.). Atlas.
- Michel, M. H. (2015). *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos* (3ª ed.). Atlas.
- Micozzi, A., & Lucarelli, C. (2016). Heterogeneity in entrepreneurial intent: The role of gender across countries. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 8(2), 173–194.



- McIntyre, M. P. (2021). Commodifying feminism: Economic choice and agency in the context of lifestyle influencers and gender consultants. *Gender, Work & Organization*, 28(3). Wiley Online Library. <https://doi.org/10.1111/gwao.12627>
- Nassif, V. M. J., Hashimoto, M., Borges, C., La Falce, J., & Lima, E. O. (2020). Influência das ameaças de gênero e comportamento de superação na satisfação de empreendedoras. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 12(3). <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2020.v12i3.540>
- Natividade, D. R. da. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: Políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1), 231–256. Recuperado de <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6686>
- Noguera, M., Álvarez, C., & Urbano, D. (2013). Socio-cultural factors and female entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9, 183–198. <https://doi.org/10.1007/s11365-013-0251-x>
- Odean, T. (1998). Are investors reluctant to realize their losses? *The Journal of Finance*, 53(5), 1775–1798.
- Oliveira, A. M. H. C., & Rios-Neto, E. L. G. (2006). Tendências da desigualdade salarial para coortes de mulheres brancas e negras no Brasil. *Revista de Estudos Econômicos*, 36(2).
- Paixão, M. J. P. (2017). *Acesso ao crédito produtivo pelos microempreendedores afrodescendentes: Desafios para a inclusão financeira no Brasil*. Salvador: BID.
- Pines, A. M., Lerner, M., & Schwartz, D. (2010). Gender differences in entrepreneurship: Equality, diversity and inclusion in times of global crisis. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 29(2), 186–198.
- Rae, D. (2015). *Opportunity-centred entrepreneurship*. Palgrave Macmillan.
- Ramadani, V. (2015). The woman entrepreneur in Albania: An exploratory study on motivation, problems and success factors. *Journal of Balkan & Near Eastern Studies*, 17(2), 204–221.
- Ribeiro, D. (2015). *Simone De Beauvoir e Judith Butler: Aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.
- Santos, J. A. F. (2009). A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(70), 37–60.
- Shefrin, H., & Statman, M. (1985). The disposition to sell winners too early and ride losers too long: Theory and evidence. *The Journal of Finance*, 40(3), 777–790.
- Smith, B., & Tolbert, C. M. (2018). Financial motivations and small business longevity: The effects of gender and race. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 23(04), 1850024. <https://doi.org/10.1142/S1084946718500243>.
- Smith-Hunter, A. E., & Boyd, R. L. (2004). Applying theories of entrepreneurship to a comparative analysis of white and minority women business owners. *Women in Management Review*, 19(1), 18–28.
- Silva, J. V., et al. (2019). Empreendedorismo feminino e o mercado de trabalho: O perfil da mulher empreendedora em Araguaína-TO. *Journal of Business Technologies*, 10(2), 64–89.
- Silva, N. (2015). *Políticas públicas e empreendedorismo negro: Uma análise crítica*. Editora UFMG.

- Souza, J. A. M. de. (2021). Empreendedorismo negro e desigualdade racial: Uma análise das barreiras enfrentadas por empreendedores negros no Brasil. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 23(3), 345–362. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v23n3a6>
- Sundermeier, J., & Steenblock, C. (2023). Promoting a Contemporary Image of Entrepreneurial Careers: A Course Concept to Address Gender Role Stereotypes Through Entrepreneurship Education. *Journal of Management Education*. <https://doi.org/10.1177/10525629231215798>
- Tabak, B. M., & Amaral, P. H. R. (2018). Vieses cognitivos e desenho de políticas públicas. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 8(2), 472–491.
- Upadhye, J., & Madan, A. (2012). Entrepreneurship and women empowerment: Evidence from Pune city. *International Proceedings of Economics Development and Research*, 29, 192–197.
- Van Praag, M. (2003). Business survival and success of young small businesses. *Small Business Economics*, 21, 1–17. <https://doi.org/10.1023/A:1023664400606>
- Veiga, A. M. (2020). Uma virada epistêmica feminista (negra): Conceitos e debates. *Revista Tempo e Argumento*, 12(29), 1–20. <https://doi.org/10.5965/2175180312292020e0101>
- Vieira, R. S. C., & Batista, A. (2023). Colonialidade do poder e trabalho precário: O impacto da COVID-19 nos negócios de empreendedoras negras. *Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades*, 9(2), 12–27. <https://doi.org/10.5935/1678-5088.20230004>
- Yuval-Davis, N. (2006). Intersectionality and feminist politics. *European Journal of Women's Studies*, 13(3), 193–209. <https://doi.org/10.1177/1350506806065752>
- Wilson, F., & Stange, K. (2019). Gender and the entrepreneurial experience: Exploring the impact of gender on new venture creation. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 11(2), 160–175. <https://doi.org/10.1108/IJGE-10-2018-0091>